



Outro Bush

Um dos idealizadores da Comissão Interamericana do Etanol, ex-governador da Flórida e irmão do presidente dos EUA dá sinal verde para o etanol brasileiro e alfineta Hugo Chávez

Se tudo correr conforme as expectativas, as visitas deste mês de George W. Bush ao Brasil e de Luiz Inácio Lula da Silva aos Estados Unidos podem concentrar as atenções do planeta sobre um programa brasileiro que nasceu desacreditado em 1975 e exigiu paciência e perseverança de produtores, distribuidores e técnicos, fabricantes que viraram alvo de piadas, e consumidores que não conseguiam ligar seus carros em manhãs mais frias. Mesmo com imperfeições, como as oscilações anuais de preços atribuídas à entressafra, o programa brasileiro do álcool é hoje reconhecido mundialmente, e pode se tornar a improvável estrela de uma retomada histórica na relação Brasil-Estados Unidos.

Enquanto muitos enxergarão os avanços como obra dos dois presidentes, outro integrante da família Bush estará assistindo tudo à distância e, na certa, sorrindo muito. Ex-governador da Flórida, cargo que deixou no início de 2007 após oito anos, John Ellis, ou simplesmente *Jeb*, é sempre lembrado como o chefe do Executivo do estado onde aconteceram os erros na contagem de votos da eleição presidencial de 2000, vencida por seu irmão sobre o candidato democrata, Al Gore. Hoje, é também um player considerável quando o assunto envolve biocombustíveis.

Muitos enxergam o dedo de Jeb Bush – co-lançador da Comissão Interamericana do Etanol em dezembro de 2006, juntamente com o ex-ministro da Agricultura do Brasil, Roberto Rodrigues, e o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, o colombiano Luis Alberto Moreno – no súbito crescimento no interesse dos EUA por um acordo operacional com o Brasil para o etanol. Teria vindo dele a inspiração para o discurso do irmão mais velho ao Congresso americano em janeiro, o State of the

Union Address, em que defendeu um aumento acentuado na produção e na utilização do etanol nos EUA e que deflagrou publicamente o processo que pode ser completado este mês com um acordo formal Brasil-EUA.

Jeb Bush nega que tenha toda essa influência, como também nega que



JEB BUSH ENTRE O EX-MINISTRO ROBERTO RODRIGUES (À ESQ.) E O PRESIDENTE DO BID, LUIS ALBERTO MORENO, NA CERIMÔNIA DE CRIAÇÃO DA COMISSÃO INTERAMERICANA DO ETANOL

será candidato à sucessão do irmão em 2008, como garante o jornalista político Shiroishi Date em seu livro *Jeb*, lançado em fevereiro. “Considerando-se a personalidade dele, o senso de missão a completar, e o fato de tanto seu pai quanto seu menos qualificado irmão terem conseguido chegar lá, é difícil imaginar que Jeb não seja candidato”, escreveu Date.

Jeb Bush pretendia visitar o Brasil em março, mas adiou a viagem quando seu irmão presidente confirmou sua vinda ao País em data quase conflitante. De sua residência em Miami, ele concedeu a seguinte entrevista:

Como o etanol atraiu a sua atenção?

Foi uma coisa gradual. Começou com os oito furacões que atingiram a Flórida em 2004 e 2005. Isso expôs os riscos de corte no fornecimento de diesel e gasolina refinada, que vêm do Caribe e da região do Golfo do México. A demora nas negociações da Alca, a Área de Livre Comércio das Américas, também nos fez procurar formas diferentes de avançar com essa idéia. Claramente, uma cooperação ampliada entre os EUA e o Brasil para a produção de etanol e de biocombustíveis em geral pode ajudar.

Que peso teve a existência de um programa de etanol já desenvolvido e implantado no Brasil?

Esse foi um elemento-chave. O Brasil é líder no desenvolvimento de fontes alternativas de energia, um dos líderes mundiais na produção eficiente do etanol,

é o principal parceiro comercial dos Estados Unidos na região. Pensando mais amplamente, para que um processo regional de livre comércio funcione, é essencial que haja mais cooperação entre os EUA e o Brasil.

O etanol foi para o topo da agenda Brasil-EUA. a ponto de as visitas de George Bush ao Brasil e de Lula aos Estados Unidos serem antecipadas. Qual sua avaliação sobre isso?

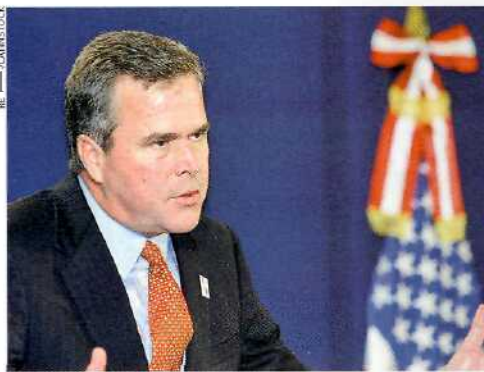
Nunca se sabe como as coisas vão se desdobrar, mas eu estava bastante esperançoso de que o assunto tomaria o rumo que vem tomando. Os presidentes Bush e Lula têm uma ótima relação pessoal, e ambos abordaram a questão do etanol ao longo do último ano. A antecipação das viagens, com algum tipo de acordo de cooperação na área de biocombustíveis como foco principal, é algo realmente encorajador. O governo americano quer uma forte ampliação nas pesquisas sobre combustíveis alternativos, e por ser líder mundial no assunto o Brasil tem tudo para ser peça fundamental nessa estratégia.

Um acordo levaria a mais investimentos de empresas americanas no Brasil para ampliar a produção de etanol?

Absolutamente sim, e eu diria que esse processo já começou. Sei que a Cargill está investindo na produção de biocombustíveis a partir da soja, e sei que há discussões para expandir a produção de cana-de-açúcar pelo mesmo motivo,

De que forma a Comissão Interamericana do Etanol lançada em dezembro de 2006 pode contribuir?

A comissão é uma espécie de ponto de encontro para a discussão de todos esses assuntos. Estamos levantando



O governo americano quer uma forte ampliação nas pesquisas sobre combustíveis alternativos, e, por ser líder mundial no assunto/ o Brasil tem tudo para ser peça fundamental nessa estratégia

recursos para financiar estudos que aumentem a conscientização sobre os benefícios de uma cooperação mais ampla. É grande o potencial para a criação de padrões, que podem futuramente ser adotados por países interessados na expansão da produção de etanol e de biocombustíveis, para seu próprio consumo ou para exportação.

A intenção é atingir esses objetivos através do setor privado?

Sim, mas não vamos nos esquecer de que o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Luís Alberto Moreno, também faz parte do esforço. Ele participou do lançamento da Comissão, e o BID já vinha demonstrando interesse pelo assunto há muito tempo. Eu diria que são grandes as possibilidades de tanto o BID quanto a Comissão financiarem projetos.

Como isso tudo pode beneficiar setores que participaram ativamente, no Brasil, do desenvolvimento de tecnologias para produção e uso do etanol?

Os EUA são o maior consumidor e segundo maior produtor de etanol do mundo, e o Brasil é o maior produtor e o segundo maior consumidor. As tecnologias desenvolvidas no Brasil podem ser aplicadas nos EUA. Isso pode permitir avanços no desenvolvimento do etanol celulósico, que deve ser o próximo passo para aumentar a produção e reduzir os custos. Como possíveis benefícios temos a cooperação científica, em *biobusiness-to-business* para investimentos. A proposta do presidente Bush para ampliar fortemente o consumo de etanol nos EUA ao longo da próxima década nos dá a oportunidade de mercado. Em última análise, a tarifa que ainda existe precisa ser eliminada gradativamente.

A tarifa de US\$ 0,54 por galão de etanol importado imposta pelos Estados Unidos?

Exatamente. Quando lançamos a Comissão, meu colega brasileiro, o ex-ministro Roberto Rodrigues, não tocou nisso, mas fiz questão de levantar o assunto. Como agora temos nos EUA um objetivo nacional declarado de expandir a produção e o consumo de etanol, tem de haver espaço para todos. Essa tarifa é algo artificial, que atrasa o processo e inibe a inovação. Ela cria mercados protegidos e isso gera complacência.

Os subsídios do governo americano para os produtores de milho?

Com certeza eles existem, e, portanto, temos um duplo problema. Com o tempo, todos vão acabar concluindo que uma redução dessa tarifa vai ajudar não apenas o Brasil, mas a Colômbia e outros países da América Latina, enquanto nos distanciamos de nossa dependência dos hidrocarbonetos. Francamente, a tecnologia que existe

hoje para a produção de etanol não vai ser suficiente. Vamos precisar de mais investimentos e de novas tecnologias que reduzam custos e aumentem a produção, e isso sempre funciona melhor e mais rápido num mercado livre. O próprio sucesso dos EUA se baseianisso. E eu ainda nem mencionei um aspecto muito importante para os EUA nesta discussão, que é a questão da segurança nacional...

Segurança no sentido de depender de países nem sempre amistosos como fornecedores de petróleo?

É na Venezuela que você estava pensando? Eu também. Prefiro, com todo respeito por qualquer pessoa que possa se sentir ofendida por isso, importar etanol do Brasil, um país amigo dos EUA, a importar petróleo da Venezuela. Não vamos eliminar a dependência americana por petróleo, mas certamente podemos reduzi-la. Vivemos tempos inseguros, e é fundamental que haja nos EUA uma conscientização sobre a necessidade de considerarmos questões de segurança nacional quando estivermos traçando nossa política energética.

Os subsídios agrícolas americanos são alvo constante de críticas no âmbito da Rodada Doha, da OMC. Isso pode alterar o quadro de apoio aos produtores de milho?

Todos os países são pecadores quando o assunto é subsídios agrícolas, uns mais do que outros. Existem inúmeras formas para governos apoiarem os produtores, e elas são usadas em todo o mundo - nos EUA também. Mas quando se está desenvolvendo uma política energética, o que se quer é encontrar formas de baixar custos por meio da inovação. Em todo setor em que o

livre mercado prevalece os benefícios sempre acabam chegando. Um dos motivos que me atraíram para esta questão foi a oportunidade de se conseguir um grande avanço na relação Brasil-EUA, de caminharmos no sentido do livre comércio, que será benéfico para o Brasil e para os EUA. Nossos países não ameaçam um ao outro. Nós precisamos trabalhar juntos porque o nosso desafio comum vai ser a China e a Ásia.

No Brasil, muitos produtores de etanol acreditam que podem aumentar a produção para atender os EUA, e gostariam de ver a tarifa americana eliminada. Na sua visão, os EUA vão se tornar um grande importador de etanol?

Sem dúvida que sim. Vejo também benefícios para agricultores da Flórida, conforme a produção do etanol celulósico se tornar mais viável. Nós também temos uma indústria açucareira

eficiente, e se pudermos converter em energia as sobras, o bagaço, o que resta da produção de açúcar, de laranjas e de outras culturas, isso faz muito sentido. Mas é certeza que o Brasil seria um grande beneficiado pelo fim da tarifa, assim como o Peru, a Colômbia, a Guatemala e vários países do Caribe que hoje importam petróleo e podem se tornar menos dependentes disso. A maioria dos países da região quer reforçar seu setor agrícola de uma forma moderna, e não da maneira tradicional, que seria a produção agrícola para subsistência. O objetivo é criar indústrias de exportação, que ampliem o número de pessoas que podem ser beneficiadas.

Anão-adesão dos EUA ao Protocolo de Kyoto também é alvo freqüente de críticas. O forte interesse por etanol e biocombustíveis que surge agora sinaliza uma nova postura americana em relação ao meio ambiente?

Vamos colocar de lado o Protocolo de Kyoto porque foi algo cheio de falhas, que não incluiu a China nem a Índia. As pessoas se esquecem de que o Senado americano votou 96 a zero contra a adoção do tratado. Praticamente não havia apoio nos Estados Unidos em todo o espectro político. É hora de irmos além, buscar um novo acordo que inclua a todos. Não há dúvida de que uma ampliação no uso de fontes renováveis de energia faz parte de uma estratégia de diminuição das emissões de carbono na atmosfera. Mas há outros benefícios igualmente importantes e que já mencionamos, como a questão da segurança nacional e a oportunidade de expansão da cooperação regional, algo que pode levar, em última análise, a uma área de comércio mais livre na região.



O CLÁ BUSH (A PARTIR DA ESQUERDA): GEORGE W. BUSH PAI, EX-PRESIDENTE DOS EUA; GEORGE W. BUSH, PRESIDENTE ATUAL; E JEB - FUTURO PRESIDENTE?

Prefiro importar etanol do Brasil, um país amigo dos EUA, a importar petróleo da Venezuela. Vivemos tempos inseguros, e é fundamental que haja nos EUA uma conscientização sobre a necessidade de considerarmos questões de segurança nacional quando estivermos traçando nossa política energética

Furacões na Flórida são muito citados como provável consequência do aquecimento global. Isso influenciou sua decisão de se envolver com biocombustíveis?

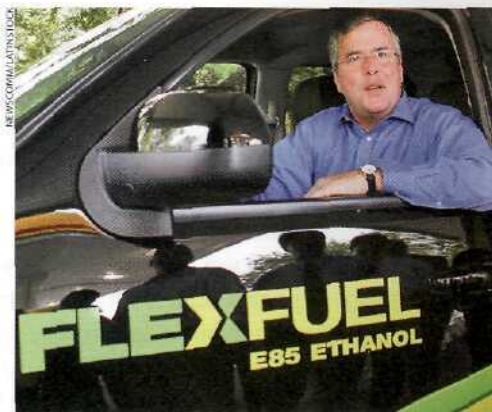
Francamente, para cada pessoa que afirma que há uma ligação entre aquecimento global e a incidência de furacões, há um especialista que discorda veementemente. O fato relevante é que o etanol é um combustível mais limpo. Se pensarmos de forma mais arrojada - e vejo que se está pensando assim neste momento nos EUA - vamos chegar rapidamente muito além do milho usado hoje para produzir etanol. Não há a menor possibilidade de os produtores de milho do meio-oeste americano conseguirem produzir combustível para nossas necessidades e ao mesmo tempo cumprir sua obrigação de produzir também para o mercado de alimentos.

A simples percepção de que mais milho irá para a produção de etanol já causou um aumento no preço do produto, e pode causar outros aumentos, pois o milho também é insumo. Essa situação não é um alerta?

Isso faz parte do desenvolvimento de um mercado mais amplo. O sistema de oferta e procura funciona e expõe o verdadeiro desafio que temos pela frente de forma mais clara. Isso está perfeitamente visível no México, onde o milho, que é utilizado amplamente, é muito mais que uma commodity, e seu preço subiu por esses mesmos motivos. O que isso mostra é que a produção do etanol tem de deixar o âmbito da política agrícola e passar para a política energética. Dessa forma, não vamos mais nos concentrar tanto no milho, muito menos subsidiar e proteger a sua produção. Vamos permitir que várias formas de biocombustível sejam bem-sucedidas, sem procurar vencedores e perdedores.

Recentemente o Sr. declarou que os republicanos perderam as eleições do ano passado porque abandonaram seus princípios de governo reduzido e responsabilidade fiscal. E a presença americana no Iraque, não influenciou?

As eleições para o Congresso foram perdidas em parte por causa da guerra no Iraque, mas a derrota tem mais a ver com o fato de os republicanos não terem governado com base em sua filosofia, que é vencedora, mas foi abandonada.



O ENTÃO GOVERNADOR DA FLÓRIDA NO LANÇAMENTO DE UM CARRO BICOMBUSTÍVEL DA GM AMERICANA QUE USA GASOLINA E ETANOL

Um dos motivos que me atraíram para esta questão foi a oportunidade de se conseguir um grande avanço na relação Brasil-EUA. Nossos países não ameaçam um ao outro. Nós precisamos trabalhar juntos porque o nosso desafio comum vai ser a China e a Ásia

O Partido Republicano precisa de uma reformulação para futuras eleições?

Está claro que sim. Eleições são oportunidades para renovar nosso contato com o eleitor, e esse processo já começou. Os próximos candidatos à Presidência dos EUA, tanto dos Republicanos quanto dos Democratas, serão os principais portavozes desse processo de renovação, que certamente vai acontecer.

Há quem veja no seu interesse e envolvimento com a questão dos biocombustíveis uma contribuição direta para a atual postura do governo americano. Houve alguma conversa sua com o presidente Bush sobre o assunto?

Francamente, sim, eu conversei com o presidente sobre isso, e também com outras pessoas que integram a equipe de governo. Mas eu diria que o que está acontecendo é apenas uma evolução natural. O presidente Bush vem apoiando a busca por fontes alternativas de energia há muito tempo. O que vimos no *State of the Union Address* em janeiro foi de certa forma o relançamento de um apoio que ele já havia exibido, só que desta vez de forma, digamos, mais dramática.

Qual sua opinião sobre o livro *Jeb*, do jornalista Shiroishi Date, que afirma que é certa a sua candidatura à Presidência dos EUA em 2008? Segundo ele, Jeb Bush é jovem e ambicioso demais para ficar fora da política por muito tempo...

Ele não me conhece tão bem assim, então isso não passa de especulação (risos). Nesse assunto, eu paro por aí. Estou na próxima fase de minha vida, estou feliz, e não sei exatamente o que vou fazer, mas me sinto confiante quanto à minha capacidade de identificar atividades que me satisfaçam, sem ter de ser candidato a um cargo político.

Seu pai, o ex-presidente George Bush, disse uma vez ao entrevistador Larry King, da CNN, que acha que o Sr. daria um grande presidente... acrescentou que o Sr. realmente não deseja se candidatar... e completou: ninguém realmente acredita que isso seja verdade...

(Rindo muito) Eu amo o meu pai...